

## **OS AFRO-AMERICANOS E A BUSCA POR UMA IDENTIDADE EM O OUTRO PÉ DA SEREIA, DE MIA COUTO**

JULIANA GARCIA RODRIGUES<sup>1</sup>; JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – [julianagarodrigues@gmail.com](mailto:julianagarodrigues@gmail.com)

<sup>2</sup>Professor Adjunto da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) - [jlourique@yahoo.com.br](mailto:jlourique@yahoo.com.br)

### **1. INTRODUÇÃO**

Os Estudos Culturais ganharam sua aceitação no meio acadêmico e de interesse geral, nos anos 80 e 90. Stuart Hall assumiu os Estudos Culturais como projeto institucional na Open University e continuou, periodicamente a se pronunciar sobre os rumos de algo que se tornou um movimento internacional. A presente pesquisa visa entender as ferramentas que a literatura pós-colonial, na qual Mia Couto se insere, lança para romper com o modelo de identidade atribuído, e ainda reforçado, do ponto de vista do colonizador e articulam a busca de uma identidade por parte do colonizado. Assim, a proposta de trabalho é apontar os aspectos apresentados por Mia Couto, sobre a busca de uma identidade do casal de afro-americanos, personagens secundários, do romance O Outro pé da Sereia, acerca da identidade africana dentro do atual processo de globalização.

### **2. METODOLOGIA**

Para análise da obra literária O Outro Pé da Sereia, de Mia Couto, foram utilizados os textos teóricos de Stuart Hall, Homi Bhabha e Benjamin Abdala Jr, relacionando-os com relação aos apontamentos sobre identidade cultural e a produção literária pós-colonial com a finalidade de se entender as minúcias da caracterização dos personagens Benjamin e Rosie Southman.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No romance de Mia Couto, O outro pé da sereia, há duas histórias paralelas, que ocorrem em diferentes tempos: passado e presente. Moçambique dos tempos atuais (2002) e Moçambique do século XVI. As narrativas são apresentadas em capítulos alternados. No presente artigo será analisado apenas os capítulos que remetem a atualidade (Moçambique, Dezembro de 2002).

Mia Couto é conhecido por lançar um olhar contemporâneo sobre a África. Para Hall (2003, p.338) “à ocupação dos de fora nunca foi um espaço tão produtivo quanto agora. Isso é resultado de políticas culturais em torno da

diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário cultural”.

O capítulo oito, *Os afro-americanos*, descreve a chegada do casal, Benjamin e Rosie Southman. Ao descer em solo africano, o americano tomba de joelhos no chão e diz: “- Queria beijar nossa mãe(...) Queria beijar o chão de África”. Começa então a busca de Benjamin por uma representação da África que ele construiu.

Ao definir nação como uma comunidade imaginada, Hall citando a afirmação de Benedict Anderson aponta que as culturas e identidades nacionais são compostas por símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso, um modo de construir sentidos que influencia tanto as nossas ações quanto as concepções que temos de nós mesmos. Benjamin está buscando reencontrar-se com suas origens, a África apresenta-se então como a sua comunidade imaginada.

Benjamin começa a realizar entrevistas para coletar dados sobre a escravidão. Ao entrevistar Matambira, começa falando dos *vangunis*, de início o entrevistador pensa que o pugilista estava a falar dos portugueses, quando percebe que os *vangunis* eram negros que capturavam e escravizavam, o afro-americano desliga o gravador e duvida da sanidade do entrevistado. A conversa não fluiu mais porque Casuarino tratou de interrompe-la. Após as “trapalhadas” de Matambira, o empresário designa que Mawdia leia os documentos do estrangeiro e descubra aquilo que ele procura na África.

- Espreita tudo, esse americano é historiador, eu carreguei um saco que estava cheio de livros, relatórios e papeladas.

Estava dada a incumbência: ao estudar os papéis de Benjamin Southman, descobririam aquilo que ele aspirava encontrar em África. Depois, encenariam em Vila Longe a África com que o estrangeiro sempre havia sonhado. Mentir não passa de uma benevolência: revelar aquilo que os outros querem acreditar. (COUTO, 2011, p.150)

Nessa passagem o autor deixa explícito a busca dos estrangeiros por uma África mítica, que ignora a realidade contemporânea e que produz nos moradores de Vila Longe a necessidade de forjar uma memória sobre a escravidão. A lembrança dos *vangunis*, negros que capturavam e vendiam escravos, não condiz com a expectativa da África inventada pelo estrangeiro.

“O poder da tradução pós-colonial reside em sua estrutura performativa, deformadora, que não apenas reavalia os conteúdos de uma tradição cultural ou transpõe valores “trans-culturalmente”. A herança cultural da escravidão ou do colonialismo é posta diante da modernidade não para resolver suas diferenças históricas em uma nova totalidade, nem para renunciar as suas tradições. É para introduzir um outro locus de inscrição e intervenção, um outro lugar de enunciação, híbrido, “inadequado” através de uma decisão temporal”. (BHABHA, 1998, p. 333)

A construção do personagem Lázaro Vivo, articula com as ideias apresentadas por Bhabha. Ele desempenha o papel de curandeiro para a sua comunidade, o que representa a perpetuação das tradições, e também decide investir nas modernidades, colocando um anúncio na porta da sua casa e

comprando um telemóvel para poder prestar serviços internacionalmente. Este é o outro lugar de enunciação, híbrido e “inadequado” para a visão estereotipada da África.

Cabe ainda comentar que, com base na reflexão de Benjamin Abdala Jr., a dialética interno/externo opera como um elemento que passa despercebido por uma leitura vinculada e limitada ao aspecto político. A ideologia deve ser lida em uma perspectiva mais ampla, relacionando e discutindo problemas culturais e estéticos em sua relação com suas atualizações nacionais. Nesse sentido, a questão das literaturas de língua portuguesa perpassam a construção identitária e ampliam as preocupações do discurso colonialista e neocolonialista. Nesse universo novo no qual as personagens se situam – entre a permanência da opressão e a possibilidade de uma reflexão sobre si – acaba por inserir uma “outra dialética dinamizadora, dentro de cada literatura e entre elas (considerando-se o sistema)” que decorre da “tensão entre o localismo e o cosmopolitismo, apontada por Antonio Candido.” (ABDALA JR., 2004, p. 115).

#### **4. CONCLUSÕES**

Percebe-se que o personagem de Benjamin e sua busca por identidade, são alguns dos elementos presentes na obra de Mia Couto que confirmam o rompimento de estereótipos impregnados na cultura africana. O afro-americano encaixa-se perfeitamente na definição de Hall. Ele não possui uma identidade fixa, imutável e permanente. Ele assumiu identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ABDALA JR., Benjamin. De voos e de ilhas. São Paulo: Ateliê, 2004.
- COUTO, Mia. O outro pé da sereia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BONNICINI, Thomas. O pós-colonialismo e a literatura. Maringá: EDUEM, 2000.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- \_\_\_\_\_. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.